

TURISMO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL: ECONOMIA SOLIDÁRIA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

LíviaVilhena¹

Raíssa de Keller Costa²

Kerley dos Santos Alves³

GT 1- Formação em economia solidária e extensão universitária

Resumo

Este artigo busca refletir sobre ações desenvolvidas no projeto de extensão “Valorização e Capacitação Técnica de Jovens e Mulheres para o Turismo” que propõe inserir, na atividade turística e cultural, jovens e mulheres em situação de vulnerabilidade social dos CRAS e Abrigos Institucionais de Ouro Preto, capacitando-os para geração de renda e incentivo a apropriação da cidade, por meio da interdisciplinaridade entre planejamento turístico, psicologia socioambiental, direitos humanos e participação popular. Foram usadas estratégias participativas como técnicas de dinâmica de grupo, oficinas, visitas de campo e roteiros sensoriais. Os resultados contam com a qualificação técnica para artesanato; apropriação dos espaços culturais da cidade; aumento da autoestima, inclusão social e produtiva. Compartilhando conhecimentos e experiências, além da autogestão para a geração de trabalho, incrementaram ganhos sociais em termos de autoestima e empoderamento dos envolvidos, pelo diálogo entre o turismo comunitário e economiasolidária.

Palavras-chave

Turismo Comunitário; Economia Solidária; Ouro Preto; Inclusão.

¹ Graduanda em Turismo no Departamento de Turismo da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, extensionista no projeto “Conviver: valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo” - Email: liviafvlhena@gmail.com

² Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais; Professora do Departamento de Turismo da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail:raissakc@yahoo.com.br

³ Pós-doutoranda no Centro de Estudos sobre Democracia, Cidadania e Direito do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. Doutora em Psicologia pela PUC-MG e pela Universitat Autònoma de Barcelona; Professora do Departamento de Turismo, da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil. E-mail:kerleysantos@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Valorização e capacitação técnica de jovens e mulheres para o turismo” iniciou em 2017 na Universidade Federal de Ouro Preto por meio da Pró-reitoria de Extensão e o Departamento de Turismo da Escola de Direito, Turismo e Museologia. Para que a proposta tivesse a abrangência que se esperava com a comunidade da cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, foi feita uma parceria interinstitucional com a Prefeitura de Ouro Preto por meio da Secretaria de Desenvolvimento Social, Habitação e Cidadania e dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) que a integram, especialmente dos bairros São Cristóvão, Alto da Cruz, Cachoeira do Campo e Santa Rita de Ouro Preto. Com o objetivo de sensibilizar e capacitar para a atividade turística e cultural, com vistas à geração de renda, por meio da interdisciplinaridade entre economia criativa, empreendedorismo, direitos humanos e participação popular, economia solidária e desenvolvimento local o projeto se desenvolveu ao longo de 2017 pautado em metodologias participativas, oficinas e atividades baseadas na solidariedade e na valorização das pessoas com vistas a cidadania plena.

A evolução do projeto deu origem à sua nova versão em 2018, contemplando não apenas jovens e mulheres, mas, também, famílias em situação de vulnerabilidade social, econômica, cultural com o intuito de incentivar a apropriação de aspectos de cidadania, dos lugares e da cidade bem como do turismo como elemento de desenvolvimento social e econômico pautados na concepção do turismo de base comunitária. O projeto passou a ser intitulado “Conviver: valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo”.

Ao longo do primeiro semestre de 2018 as atividades e oficinas do projeto Conviver foram planejadas de forma articulada com as necessidades observadas nos participantes, contendo práticas integrantes aos denominados módulo específico e módulo integrador. O módulo específico está relacionado à formação técnica considerando as demandas socioeconômicas e as características da cadeia produtiva do turismo local. E, o módulo integrador consiste em uma modalidade de ensino complementar e transversal, com o objetivo de oportunizar processos de formação integral aos participantes, aportando conteúdos e vivências que favoreceram a reflexão crítica, a autopercepção, o resgate da autoestima, o espírito de cooperação, a troca de experiência, as manifestações culturais, o respeito às diferenças, entre outros conceitos.

O objetivo deste artigo é a reflexão acerca das vivências propiciadas na execução do projeto bem como de seus resultados. Há que se destacar, ainda, as avaliações realizadas por questionário semiestruturado com os participantes e as análises baseadas no diálogo entre as concepções de turismo de base comunitária e economia solidária.

Observa-se que o empoderamento do cidadão sobre si mesmo e sobre a cidade é possível a partir de um longo percurso de sensibilização, de aumento de autoestima, de inclusão social para que se alcance a apropriação do turismo pelas pessoas. O convívio, portanto, é um elemento norteador da execução do projeto, que a longo prazo constrói as bases para a cidadania plena a partir do olhar do próprio participante e até mesmo de suas habilidades que podem ser trocadas com os demais.

A interseção entre as atividades e as oficinas que integram os dois módulos da metodologia é o que possibilita a verdadeira interface da comunidade atendida com a comunidade acadêmica nas premissas da extensão e suas potencialidades, como será abordado no próximo item.

AS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE A UNIVERSIDADE E A COMUNIDADE ATRAVÉS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O estudo interdisciplinar do comportamento humano, envolvendo as análises advindas da sociologia, antropologia e psicologia e especificamente pesquisas sobre o perfil socioeconômico e como os protagonistas do meio se comportam, são elementos importantes para se pensar em políticas públicas e possíveis melhorias para as pessoas.

Baseando-se nessas premissas, as instituições federais podem ser agentes atuantes com as ações de extensão que visam a integração entre a comunidade acadêmica e a comunidade em que está inserida. O recorte espacial desse estudo se dá na Universidade Federal de Ouro Preto que contabilizou 47 programas, 315 projetos de extensão e 14 cursos aprovados para realização em 2018, segundo dados fornecidos pela Pró-reitoria de Extensão da instituição.

Na análise de Nogueira (2013, p.33), considera-se que a extensão, realizada por meio de cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário, concorreria para elevar o nível da cultura geral da população. A extensão é entendida como instrumento de transmissão do conhecimento da universidade para a comunidade.

A Universidade atua de acordo com as transformações, necessidades e o momento histórico, carregando assim, a responsabilidade em cumprir o papel de compromisso com

os autóctones. O fator econômico pode ser determinante dentre as necessidades da sociedade, e espera-se que, através deste, haja pesquisa para possíveis melhorias.

O processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. A extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico (NOGUEIRA, 2000, s/p, apud NOGUEIRA, 2013, p.39).

Dos atores, protagonistas atuantes através da Universidade e integrados a ela, se destacam, aqueles vinculados às empresas juniores que praticam durante a graduação experiências práticas voltadas ao mercado de trabalho; mas também aqueles atuantes nas ações de extensão responsáveis pela prática e a contribuição social através da extensão universitária. Essa prática é fundamental para a formação pessoal e profissional dos estudantes envolvidos por favorecer a consolidação dos conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, na experiência e vivência pautadas na responsabilidade social, podendo trazer benefícios pessoais e profissionais possibilitando a diversificação dos horizontes, a sensibilização para a responsabilidade social do turismólogo e a exequibilidade sustentável de projetos que envolvem a comunidade com vistas à geração de renda e à valorização da comunidade.

INTERFACES DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

A prática do turismo de base comunitária tem como elemento principal a relação com as pessoas locais cujo objetivo é torná-las ativos no desenvolvimento desta atividade. Para que isso seja possível é preciso envolver as pessoas, sensibilizar e mobilizar a comunidade envolvida para que possam se apropriar do turismo.

Nos entremeios dessas relações com a comunidade e com o turismo, há que se destacar a relação com a cidade através do pertencimento que é desenvolvido através da relação simbólica com o patrimônio, por exemplo, que Bartholo (2009) denomina de “patrimônio relacional do sítio simbólico de pertencimento”. Para o autor essa relação dialógica é facilitadora da interlocução do turismo e das relações interpessoais nos serviços turísticos a serem implementados. Assim, compreende os sítios como comunidades de sentido, reafirmando as relações como base fortalecedora das experiências mais completas em todas as dimensões, sejam sociais, culturais, espaciais, naturais.

O mundo globalizado, acelerado e que instiga a homogeneidade pelo consumo

interfere nas vivências nos lugares e trazem à luz as discussões acerca das comunidades e identidades culturais. Segundo Barbosa (2011, p. 43) “O estar em comunidade traz sensações prazerosas a algumas pessoas. Pensar na coletividade e viver em comunhão representa significados adversos aos hegemônicos da sociedade capitalista”. A autora destaca, ainda, que o viver em comunidade se apresenta fortemente ao mundo globalizado partindo da necessidade humana de se sentir parte de algo, de ressignificar suas relações e raízes.

As comunidades, então, buscam se estabelecer reafirmando sua identidade local, fortalecendo o sentimento de pertencimento e por isso as relações entre os lugares e as pessoas são essenciais para o desenvolvimento do turismo responsável e solidário. Para o antropólogo Gonçalves (2007), o patrimônio se apresenta como uma categoria de pensamento muito importante para a vida social e mental de qualquer coletividade humana, mas é preciso tomar cuidado para não impor ou naturalizar um significado que seja estranho aos nativos.

Mais do que um sinal diacrítico a diferenciar nações, grupos étnicos e outras coletividades, a categoria “patrimônio”, em suas variadas representações, parece confundir-se com as diversas formas de vida e de autoconsciência cultural. Ao que parece, trata-se de um problema bem mais complexo do que sugerem os debates políticos e ideológicos sobre o tema do patrimônio.” (GONÇALVES, 2007, p. 115)

Partindo dessa concepção observa-se aqui uma interlocução com o projeto de extensão Conviver, que busca a relação horizontal com os participantes de modo a estar com eles, aprender com eles e vivenciar com eles as diferentes abordagens identificadas nessa convivência.

Não basta apenas encontrar um pseudo-outro que se enquadre em minhas capturas conceituais. O que se requer é disponibilidade e vulnerabilidade para imaginar-se no outro, ampliando o senso de comunidade num encontro de um outro que podia ser eu. Aceitar a contingência das linguagens, das identidades e das comunidades e receber novas descrições da realidade que podem alterar as nossas verdades provisórias. Essa é a condição de possibilidade de se compartilhar comunidades de sentido, de se permitir a si mesmo genuína interlocução com sítios simbólicos de pertencimento (BARTHOLLO, 2009, p. 52)

As discussões acerca do turismo de base comunitária contribuem para caminhos pautados em um desenvolvimento não apenas econômico, mas com responsabilidade social e sustentabilidade, modelos inovadores quando se trata de relações interpessoais e

um desenvolvimento social mais solidário.

Como reforço da centralidade dos atores locais, bem como das raízes culturais do sítio simbólico apresenta-se o conceito de “turismo situado” que se caracteriza “pela participação dos cidadãos como atores e sujeitos do processo” (BURSZTYN; BARTHOLO; DELAMARO, 2009, p.80). Verifica-se, ainda de acordo com os autores, que esse conceito parte de uma iniciativa conjunta de articulação entre passado e inovação, tradição e modernidade muito além das práticas pautadas nos modelos econômicos que se destacam entre diversos tempos e espaços que buscam resultados rápidos do ponto de vista imagético e econômico.

Para Silva, Jesus e Fonseca (2011), o turismo de base comunitária se volta para a oferta de passeios, serviços, entretenimentos intrinsecamente aos valores dos moradores, priorizando o rústico e não o luxo. Diante disso, corroborando com os autores, compreende-se que se trata de um turismo cujo objetivo primordial não é apenas o consumo, “mas a troca de experiências, fortalecimento de laços de amizade e valorização cultural” (SILVA; JESUS; FONSECA, 2011, p. 332).

Nesse modelo de desenvolvimento, além do respeito às práticas e comunidades em seu cotidiano, o foco é a inclusão social. No entanto, a prática é bastante complexa, para que isso aconteça, faz-se necessário desenvolver metodologias que instiguem o fortalecimento da identidade cultural e sua afirmação e cidadania como as bases para as propostas. Nesse contexto, pode-se citar a economia solidária como concepção que corrobora com essas relações.

Economia Solidária é hoje um conceito amplamente utilizado dos dois lados do Atlântico, com acepções variadas, mas que giram todas ao redor da idéia de solidariedade, em contraste com o individualismo competitivo que caracteriza o comportamento padrão nas sociedades capitalistas. O conceito se refere a organizações de produtores, consumidores, poupadores etc., que se distinguem por duas acepções: (a) estimulam a solidariedade entre os membros mediante a prática da autogestão e (b) praticam a solidariedade para com a população trabalhadora em geral, com ênfase na ajuda aos mais desfavorecidos (SINGER, 2002, p. 116)

Na perspectiva da economia solidária são elencados princípios tais como: a primazia da pessoa e do bem comum sobre o lucro, processos de decisão participativa, ênfase na apropriação do território, investimento em capacitação e valorização dos saberes e fazeres das comunidades, assim, até que ponto estes princípios estão presentes nas atividades de turismo?

Diante de formas predatórias de turismo despontam princípios que, não sendo novos para a grande maioria dos estudos que abordam a matéria, são hoje entendidos como fundamentais para o sucesso das práticas turísticas com conseqüente desenvolvimento: a localidade, o respeito pelas diferenças, a identidade, a autenticidade das comunidades de acolhimento e a preservação ambiental.

Enunciados destacam que a condição pós-moderna sinaliza um desejo de rompimento com estruturas e modelos que se demonstraram insustentáveis, abrindo espaço para propostas contra hegemônicas. E sendo distintas as motivações humanas e suas múltiplas dimensões, existe uma diversidade de correntes de pensamento que mobilizam as iniciativas e os atores locais, tais como a economia solidária e o desenvolvimento local (ZAOUAL, 2006), enquanto modelos alternativos de desenvolvimento compreendido em suas multidimensões cultural, econômica, social, política, ambiental etc. e promovido como projeto social. Em face disto, as iniciativas que propõem um desenvolvimento comunitário têm sido, em geral, representada pela soma de esforços de associações comunitárias, ONGs e Universidades que compreendem o Turismo como um fenômeno social e não apenas como transações de cunho econômico.

Com vistas a interação e a transformação da realidade social, pela via da Extensão Universitária, foi implementado o “Projeto Conviver: valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo” de modo integrado com as ações e demandas de seus parceiros SMDSH.

O PROJETO CONVIVER: VALORIZAÇÃO E CAPACITAÇÃO DE PESSOAS PARA O TURISMO VIVO

Sabe-se que o turismo é instrumento para geração de renda, direta ou diretamente, tendo o poder transformador através de ações feitas pelo turismo de base comunitária, turismo de experiência e economia criativa aplicada ao turismo. O intuito do projeto vai de encontro com o objetivo pretendido pelas ações de extensão, propondo através do Turismo a inserção econômica e valorização para florir o sentimento de pertencimento das pessoas em situação de vulnerabilidade social na cidade de Ouro Preto.

Para acompanhar o rápido desenvolvimento do Turismo no Brasil propiciando a real projeção sócio-econômico de forma a auxiliar na conservação dos recursos da região e envolvimento das comunidades locais – deve-se priorizar o desenvolvimento de atividades educativas e de sensibilização, ligadas ao planejamento integrado da atividade turística. (OLIVEIRA, 2008, p.94)

A parceria com os Centros de Referência em Assistência Social – CRAS possibilitou a realização de pesquisa observacional, qualitativa e quantitativa para análise do público a ser trabalhado, já que eram pessoas atendidas por eles nos bairros da cidade. Como resultado identificou-se um público composto por mulheres e jovens atendidos por Abrigos Institucionais em Ouro Preto - MG. Após a identificação das necessidades, houve estudo das vertentes do turismo e aplicabilidade da economia criativa. Para desempenho das atividades, estas foram coordenadas por uma equipe composta pela professora coordenadora do projeto de extensão, alunos bolsistas e voluntários, psicólogos e assistentes sociais do CRAS.

A capacitação tem direcionamento para geração de renda e incentivo a apropriação da cidade, por meio da interdisciplinaridade entre planejamento turístico, psicologia socioambiental, direitos humanos e participação popular. Foram usadas estratégias participativas como técnicas de dinâmica de grupo, oficinas, visitas de campo e roteiros sensoriais. As atividades são realizadas semanalmente, em sua maioria na Escola de Direito, Turismo e Museologia – EDTM, na Universidade Federal de Ouro Preto e também, em se tratando das visitas de campo, em locais como museus, campus da UFOP, Secretaria de Turismo de Ouro Preto.

Para a edição de 2018, atualizado como “CONVIVER – valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo”, o nome do projeto foi alterado em função do público alvo ampliado em atendimento a demanda detectada no primeiro ano de execução. Partindo do mesmo ideal, foram usadas estratégias participativas como técnicas de aulas expositivas, aulas práticas, oficinas, palestras e visitas técnicas. Assim, continuou seguindo a vertente inicial com atualizações necessárias nas metodologias, que tem por base o trabalho grupal, a cooperação e a solidariedade, a equipe multidisciplinar (dos campos do Turismo, Psicologia, Serviço Social, Administração) dando suporte no fortalecimento do vínculo e nas relações interpessoais.

METODOLOGIA DO PROJETO CONVIVER

O primeiro passo da metodologia foi a sensibilização das pessoas atendidas pelos CRAS para participação no projeto, com ficha de inscrição como forma de contrato de convivência e para fontes de pesquisa e acompanhamento do projeto.

No primeiro semestre de 2018 foram realizadas 17 atividades e oficinas todas às

quartas-feiras no período de 13h às 16 horas, em média. Busca-se que sejam atividades práticas intercaladas com atividades teóricas visando o empoderamento e a construção do conhecimento conjunto acerca do turismo e da cidade. No entanto, nem sempre foi possível intercalar já que se trata de um cronograma dinâmico que parte das necessidades identificadas ao longo do tempo bem como das possibilidades de moderadores que sejam identificados como pessoas aptas a conduzir os trabalhos e discussões de forma solidária.

A primeira oficina teve como objetivo estimular o pensamento sobre as concepções, através da integração, acerca da identidade e autoestima. O mediador fez algumas perguntas no intuito de conduzir as discussões no sentido de sensibilizar para a importância das oficinas para cada um deles como um espaço de vivências e convivências.

Em seguida, a oficina sobre hospitalidade na atividade turística trouxe elementos específicos do turismo para os participantes com discussões acerca do significado e aplicabilidade da hospitalidade na hotelaria, sensação do lar, olhar na alimentação, visão no espaço público e as facetas da hospitalidade (doméstica, pública e comercial). Essa abordagem desenvolveu reflexões sobre empatia e a hostilidade como contraponto.

Ao longo do desenvolvimento das atividades são realizadas algumas dinâmicas, como por exemplo “Quem sou eu?” cuja proposta é integração dos participantes para que todos se conheçam melhor e sintam-se acolhidos no convívio das atividades.

Outro exemplo de atividade é a de recrutamento e seleção de candidatos com orientações práticas para a elaboração de currículo. Como objetivo buscou-se levar a conhecimento os meios de divulgação da oferta de emprego que fazem parte do cotidiano, como rádio, jornal, agência de emprego, redes sociais, internet, televisão. Visou-se também a indicação de condutas e práticas exercidas na seleção de candidatos, características da seleção que envolve etapas para a escolha do candidato e pode ser feita por meio de prova, dinâmica em grupo, teste prático e entrevista.

A busca pela aproximação dos participantes com o mercado turístico desencadeou uma roda de conversa com representantes do trade turístico relacionada a eventos, como cerimonial, buffet e segurança/limpeza. A conversa com empresários locais apresentou aos participantes a trajetória dos profissionais, suas experiências, com enfoque na motivação pessoal e busca pelo profissionalismo.

As visitas técnicas são elementos reconhecidamente importantes para os participantes do projeto pelo estímulo à apropriação e pertencimento dos lugares da cidade. Uma delas, no Galpão Sinhá Olímpia possibilitou o contato com artesãos da cidade e ainda a criação com técnicas de artesanato a partir de orientação dos responsáveis pelo local.

Além dessa, foram realizadas visitas ao distrito da cidade denominado Amarantina e ao Sesc Estalagem das Minas Gerais situado em Ouro Preto. As imagens 1, 2 e 3, a seguir, representam algumas oficinas de 2018.

Imagem 1: Oficina Hospitalidade



Fonte: acervo do projeto Conviver, 2018.

Imagem 2: Oficina de artesanato



Fonte: acervo do projeto Conviver, 2018.

Imagem 3: Visita a Amarantina



Fonte: acervo do projeto Conviver, 2018.

Visando o acompanhamento dos participantes e continuidade adequada dos trabalhos foram aplicados questionários semiestruturados ao final de cada 4 ou 5 atividades e alguns resultados serão demonstrados no próximo item.

RESULTADOS DO PROJETO CONVIVER

Ao decorrer das edições do projeto, através da metodologia aplicada, foi notório perceber primeiramente a mudança de comportamento advinda daqueles que chegaram aos CRAS tristes, sem perspectiva de vida e agora tem postura frente às atividades, com participação ativa e discurso de pertencimento, sentimento em relação a cidade e ao Patrimônio. Tudo isso se apresenta como resultado através dos relatos das participantes durante as atividades, uma delas, por exemplo expôs a sua conclusão para o grupo resumindo que o Centro de Artes e Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto (local da atividade do dia) era, para ela, como um patrimônio.

Um aspecto importante a ser destacado é o local de acontecimento das atividades, elas são realizadas dentro da Universidade, enfoque pela inserção dos participantes em locais dentro da própria cidade nas quais os próprios moradores não tem acesso e nunca tiveram oportunidade de entrar. Esse fato trouxe o empoderamento através da busca pelos participantes por cursos técnicos de capacitação em determinadas áreas de interesse,

dentro da Universidade, com cursos como “Curso prático de obras” do Departamento de Engenharia Civil. O projeto em si também abre portas para que possam aproveitar o leque de oportunidades existentes no mercado e desenvolvimento da autonomia na vida pessoal e profissional, como os seguintes relatos: *“Se autonomia é se apropriar das nossas coisas, então vir aqui e participar dessa atividade que foi tão bem preparada para nós também é uma forma de autonomia”*; *“Para mim, esse curso é um presente, ter oportunidade de aprender, ter espaço para expor minhas opiniões, o professor dar abertura, eu sou o tipo de pessoa que lê de dois a três livros de uma vez”*.

Dentro da mesma perspectiva, obteve-se resultado expressivo a partir da realização de uma oficina denominada “Acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência nos espaços públicos” com abordagem para reflexão sobre acessibilidade enquanto um processo para a inclusão. Na atividade foram pautados o esclarecimento sobre diferença e desigualdade já que todas as pessoas são diferentes mas não necessariamente desiguais, desconstruindo paradigmas. Após a atividade, uma aluna com deficiência auditiva se posicionou e decidiu voltar aos estudos, relatando que antes não tinha motivos para fazê-lo.

Ao se tratar do modelo do projeto que baseia-se na alternância entre módulo integrador e módulo específico, atividades teóricas intercaladas com atividades práticas, ele se consolida na fruição de conteúdo aplicado através de aulas expositivas, rodas de conversa, exposição dialogada, visto que, trata-se metodologias baseadas em perguntas norteadoras para discussão com enfoque na participação conjunta a fim de transmitir o conceito da atividade proposta. No entanto, ao decorrer do projeto os participantes desenvolvem a autonomia para explanar suas opiniões acerca da metodologia trabalhada trazendo opiniões críticas como: *“Atividades mais interativas. Menos teóricas e formais”*; *“Ter mais participação fora da sala de aula, visitas a museus, igrejas históricas e outros.”*

Os relatos foram colhidos durante as atividades e gradativamente por meio deles a análise se construiu baseada na crescente evolução de conhecimento através da participação, compartilhamento de conhecimento e experiências e tem como resultado preliminar a apropriação dos espaços culturais da cidade, aumento da autoestima, inclusão social e produtiva. E por fim, relatos que impulsionam todo o trabalho ser recompensado: *“O projeto está me fazendo sorrir, tem tanto tempo que eu não sorria”*; *“Aos 60 anos receber o primeiro certificado da vida é maravilhoso, obrigada a todos”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado nas responsabilidades intrínsecas e necessárias perante a comunidade, desenvolver projetos e ações de cunho social com respeito a cultura e cuidado com as pessoas, perpassa o aspecto assistencialista para aquele transformador através da educação. A Universidade disponibiliza recursos, conhecimento e desenvolve a consciência dos alunos para que essas ações sejam feitas durante a graduação, assim, cumprindo seu papel diante a comunidade na qual está inserida.

Esse espaço dado percorre o âmbito primordial da existência do Turismo, a relação da localidade em que se está inserida e a comunidade visto que os autóctones ainda permeiam a necessidade de desenvolver o seu protagonismo perante o meio e o sentimento de pertencimento. O turismo de base comunitária articulado com a economia solidária como bases para o Projeto CONVIVER fornecem subsídios para as ações com conhecimento específico e transformador, ressaltando que, o objetivo principal é a capacitação para geração de renda e incentivo a apropriação da cidade porque a partir dessa mobilização direta traz resultados indiretos relacionados à postura comportamental de pertencimento ao local que vive.

Contudo, os estudos e resultados contribuem para uma análise por parte da coordenação para que possa cada vez mais trabalhar em cima de métodos específicos para a capacitação e valorização dos mesmos e assim o projeto contribuir com o pensar o turismo em um viés social para que seja feito pelas pessoas e através delas para que este venha a conhecimento e reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Luciana Maciel. **Redes de territórios solidários do turismo comunitário: políticas para o desenvolvimento local no Ceará.** Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tecnologia. Fortaleza, 2011.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O espírito e a matéria: o patrimônio enquanto categoria de pensamento. p. 107 – 116. In: **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio**, 2007.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org.). Avaliação da Extensão Universitária: práticas e discussões da Comissão Permanente de Avaliação da Extensão. In: **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras.**

Comissão Permanente de Avaliação da Extensão. Belo Horizonte: FORPROEX/CPAE; PROEX/UFMG, 2013 *apud* NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org). **Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas**. Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1997- 2000. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org). **Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas**. Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1997- 2000. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000.

OLIVEIRA, Héli da Vilela. **A prática do turismo como fator de inclusão social**. Faculdade Anhanguera de Anápolis: Revista de Ciências Gerenciais, 2008.

SANSOLO, Davis Gruber; BARTHOLO, Roberto; BURSZTYN, Ivan (orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: LETRA E IMAGEM, 2009.

SILVA, João Paulo; JESUS, Paulo de; FONSECA, Jadson Minervino da. Turismo, economia solidária e inclusão social em Porto de Galinhas, PE. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p.325-340, dez. 2011.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. 1º edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

ZAOUAL, HASSAN. **Nova Economia das Iniciativas Locais: uma introdução ao pensamento pós-global**. Tradução de Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DPeA: Consulado Gerald a França: COPPE/UFRJ, 2006.